

Inveja e Emulação em... Marcial: A vida e os seus costumes temperados com sal Romano!

“Virtus absque modo nomen habet vitii”.
Godfrey of Winchester, *Martialis Cocculus*

O carácter austero e pragmático imediata e comumente atribuído ao povo de Roma e reputado como timbre desta civilização tê-lo-ão os romanos possuído desde sempre. Porém, quando lhes foi dado colher os primeiros de entre os mais saborosos frutos do seu pragmatismo, enquadrado, sempre, pela austeridade, e *militēs* verdadeiramente *gloriosi* (e não apenas plautinos!) regressavam vitoriosos cada vez menos à cidadela de Rómulo cada vez mais ao *caput mundi*, o espírito romano imbuíu-se de um novo apuro capaz de exaltar as virtudes de uma República que tinha, agora, a cargo o governo não apenas de uma cidade, mas cada vez mais do mundo. Assim, segundo Ugo Enrico Paoli, sobretudo, a partir de finais do século III a. C., desenvolveram-se na sociedade romana rígidas regras de cortesia que tornavam difícil fazer um pedido, ainda que fora a um amigo íntimo, sem se fazer uso das fórmulas prescritas como “*sis*”, “*quaeso*”, ou “*ne graueris*”, deixar intocado um prato não apetecido (ou não apetecível!) em casa de um anfitrião ou enviar um presente sem o cuidado de se evitar uma humilhação¹...

¹ Cf. Paoli (1999: 272).

Não será, portanto, difícil de prever que dissonâncias como a inveja fossem vivamente desencorajadas pelo próprio encorajamento à emulação da proba vida dos *patres* antiquíssimos...

Residindo, porém, no meio a virtude que, de acordo com o *Cocculus Martialis* da epígrafe, em excesso, corre o risco de degenerar em vício, outra coisa não seria expectável se não que algo fizesse pender o outro prato da balança! Efectivamente, sublinha-o Ugo Enrico Paoli, “the sturdy Romans had a quick tongue, and when there was something to be said, they seldom inclined to remain silent. This unchecked and determined outspokenness on every subject, an essential element in the Roman character, had its roots in an age-old spirit of liberty”².

A liberdade de dizer, não raro, era uma liberdade de maldizer... Tão ancestral quanto os mais ancestrais valores da romanidade, foi ela que fez dealbar em *Saturae* e *Fesceninos* a Literatura Latina e triilhar todo um caminho que viria a desembocar em Marcial!

Com efeito, o poeta de BÍlbilis terá sido, de todos os romanos quantos a polidez das maneiras não impediu que tecessem críticas, um dos que mais, mais alto e mais superiormente terá criticado³!

É que a mesma polidez de maneiras não pôde, com a reprovação, impedir que a sociedade romana se tornasse mais e mais des-temperada por toda a sorte de vícios (quicá pela tendenciosa emulação dos piores modelos!) e sequer deles se acanharia não fora o, a nossos olhos, apimentado Marcial ter superado o condimento proposto por Horácio – *Italum acetum*⁴ –, ao criticá-los, temperando-os com *Romano sale*:

*At tu Romano lepidos sale tinge libellos:
agnoscat mores uita legatque suos. (8.3.19-20)*⁵

² Paoli (1999: 267).

³ Tarsicio Zapién irmana com os maiores poetas satíricos do Império Romano o epigramatista, tecendo-lhe uma elogiosa descrição: “vemos corretear los ojillos burlones y la sonrisa sarcástica de Marcial, el hispano que buscó el triunfo en la capital del imperio a cuyas clases sociales todas zahirió com enorme éxito de público” (Zapién, 1997: 12).

⁴ Cf. Horácio, *Sat.* 1.7.32.

⁵ Neste trabalho, os epigramas de Marcial são sempre citados a partir da edição crítica de D. R. Shackleton Bailey, com pequeníssimas alterações pontuais, indicando o livro, o epigrama e os versos.

Mas tu tempera, com o romano sal, os teus graciosos livrinhos;
onde a vida, ao ler os seus costumes, neles se reconheça.⁶

De facto, nenhum autor soube, ou, pelo menos, pôde captar, de forma tão visível, o pulsar do Império, talvez, porque, à semelhança do que, séculos mais tarde, faria o nosso cronista, Fernão Lopes, se debruçou sobre a turba, acompanhando, com o olhar e com o pulso, as suas vivências, afinal, como conclui Sara Myers, “life is his stated theme”⁷. Marcial tanto e tão intimamente se demorou sobre Roma, que a leitura dos seus epigramas nos permite, finalmente, substituir a visão parcial e epicamente faustosa da grande Urbe, por uma outra *integrior*, mais íntegra, porque verdadeiramente inteira! Que aspecto da Roma sua coeva não terá Marcial deixado à posteridade? Nenhum. Segundo Cristina Pimentel, todo o quotidiano do *caput mundi* do século I se encontra retratado por Marcial⁸, em centenas de epigramas: dos jogos da arena aos banquetes e convívios, do dia-a-dia dos abastados à sorte da população, do afecto dos amigos à arrogância dos poderosos, da gente depravada às crianças inocentes...

Esboçou, pois, o poeta a representação crítica da vida integral, evidenciando a sua torpeza, celebrando a sua grandeza... Da paleta da emoção humana, não podiam deixar de chegar à sua epigramática tela, entre tantos outros, o indigno sentimento da inveja e a meritória vontade de emulação!

Ora, uma vez que, precisamente, nos tocou procurar discernir o tratamento concedido pelo bilbilitano a estes dois conceitos, quase seria *contra naturam* escusarmo-nos a principiar por uma perspectiva da sua sátira à inveja...

A inveja em Marcial não teria completo tratamento se nos limitássemos a inventariar *exempla* da inveja nos outros ou dos outros por ele perspectivada, sem aludirmos à inveja do próprio que, afinal, romano, também, e Homem, como qualquer outro, nem sempre terá conseguido escapar-lhe!

⁶ A tradução portuguesa é, em todos os casos, a de C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. Brandão e P. S. Ferreira (Pimentel *et alii*, 2000-2004), que toma como referência o texto latino estabelecido por D. R. Shackleton Bailey em 1990.

⁷ Myers (2006: 452).

⁸ Cf. Pimentel (2000, I: 11).

Assim, trataremos a inveja em Marcial, primeiro, como a inveja por Marcial e, seguidamente, como a inveja de Marcial.

Adianta-nos Célia Alves que “para um homem como o poeta, com um coração aberto ao outro, a inveja é algo que o deixa em estado de cólera”⁹. A inveja é, então, perspectivada por Marcial como uma das maiores baixezas humanas (e divinas, embora, no epigrama 9.86, Marcial ilibe, pontualmente, as deidades do φθόνος θεῶν...) e, na generalidade, os invejosos tidos por uns depravados como tantos outros (ou mais ainda do que tantos outros!) de todas as espécies:

*Cum tibi uernarent dubia lanugine malae,
 lambebat medios improba lingua uiros.
 Postquam triste caput fastidia uispillonum
 et miseri meruit taedia carnificis,
 uteris ore aliter nimiaque aerugine captus
 allatras nomen quod tibi cumque datur.
 Haereat inguinibus potius tam noxia lingua:
 nam cum fellaret, purior illa fuit. (2.61)¹⁰*

Quando as tuas faces floresciam de incerta penugem,
 a tua perversa língua lambia os homens mesmo a meio.
 Depois que a tua sinistra cabeça a repugnância dos cangalheiros
 e a aversão dos infelizes carrascos começou a merecer,
 usas de outro modo a boca e, tomado de desenfreada inveja,
 injurias todo o nome que te vem à cabeça.
 Agarre-se antes ao baixo-ventre tão malfazeja língua:
 é que, quando chupava, era mais pura.

É a mesma malfazeja língua dos invejosos que só a título póstumo deixa apreciar a arte e louvar o seu artista, que, em vida, há-de, não raro, permanecer injustamente preterido:

*“Esse quid hoc dicam uiuis quod fama negatur
 et sua quod rarus tempora lector amat”?*
*Hi sunt inuidiae nimirum, Regule, mores,
 praeferat antiquos semper ut illa nouis.
 Sic ueterem ingrati Pompei quaerimus umbram,
 sic laudant Catuli uilia templa senes.
 Ennius est lectus saluo tibi, Roma, Marone,
 et sua riserunt saecula Maeniden,*

⁹ Alves (2003: 90).

¹⁰ Cf. 1.3 e 41; 3.28; 7.24; 12.37 e 88 e 13.2.

*rara coronato plausere theatra Menandro,
norat Nasonem sola Corinna suum.
Vos tamen o nostri ne festinate libelli:
si post fata uenit gloria, non propero.* (5.10)

“Como posso explicar que aos vivos se negue a fama e que raro leitor aprecie seus contemporâneos?”
Estes são, com certeza, Régulo, os hábitos da inveja:
sempre preferir os antigos aos novos.

Assim, ingratos, buscamos de Pompeio a velha sombra,
assim os velhos louvam o templo grosseiro de Cátulo.
Énio foi lido, Roma, enquanto ainda tinhas vivo Marão,
e as gerações do tempo riram-se do Meónide;
raros teatros coroaram e aplaudiram a Menandro,
só Corina conhecia o seu Nasão.

Vocês, porém, não se apressem, meus livrinhos:
se a glória só vem depois da morte, não tenho muita pressa.

Tal não seria o caso de Marcial, a quem a obra concedeu fama ainda em vida, e é falsa a modéstia do poeta, se, com efeito, até aos Césares (devidamente adulados!) conseguiu arrancar louvores:

*Saepe meos laudare soles, Auguste, libellos.
Inuidus ecce negat: num minus ergo soles?
Quid quod honorato non sola uoce dedisti
non alius poterat quae dare dona mihi?
Ecce iterum nigros corrodit liuidus unguis.
Da, Caesar, tanto tu magis, ut doleat.* (4.27)

Amiúde costumas, Augusto, louvar os meus livrinhos.
Eis que um invejoso o nega: menos, por isso, os louvarás?
E que dizer se me honraste não só com palavras,
mas com dons que mais ninguém me poderia dar?
Eis que de novo o invejoso as negras unhas rói.
Dá-me ainda mais, César, para que mais lhe doa.

Porém, o augusto louvor, como observa o poeta, acarretou com ele a inevitável inveja dos seus pares e esta a maledicência, que, se negava ao poeta o elogio alcançado, também o reputava de lascivo:

*Caesaris Augusti lasciuos, liuide, uersus
sex lege, qui tristis uerba Latina legis
...
Absoluis lepidos nimirum, Auguste, libellos,
qui scis Romana simplicitate loqui.* (11.20, 1-2, 9-10)

Ora lê, meu invejoso, estes seis versos lascivos de César Augusto,
 tu que franzes a testa quando certas palavras latinas lês

...

Absolverás, pela certa, os meus graciosos livrinhos, Augusto,
 tu que sabes falar com simplicidade bem romana.

Embora não lhe fosse difícil desmentir as difamações nem tam-
 pouco refutar as acusações com que o vaiavam, tantas vezes tendo
 até o seu argumento o selo imperial, o bilbiliano nem sempre foi
 capaz de controlar a sua ira face às afrontas que lhe faziam os que
 dele tinham inveja:

*Rumpitur inuidia quidam, carissime Iuli,
 quod me Roma legit, rumpitur inuidia.
 Rumpitur inuidia quod turba semper in omni
 monstramur digito, rumpitur inuidia.
 Rumpitur inuidia tribuit quod Caesar uterque
 ius mihi natorum, rumpitur inuidia.
 Rumpitur inuidia quod rus mihi dulce sub urbe est
 paruaque in urbe domus, rumpitur inuidia.
 Rumpitur inuidia quod sum iucundus amicis,
 quod conuiuia frequens, rumpitur inuidia.
 Rumpitur inuidia quod amamur quodque probamur:
 rumpatur quisquis rumpitur inuidia. (9.97)¹¹*

Estoira de inveja um fulano, caríssimo Júlio,
 porque Roma inteira me lê, estoira de inveja.
 Estoira de inveja por, em todos os ajuntamentos,
 com o dedo me indicarem, estoira de inveja.
 Estoira de inveja por dois Césares me facultarem
 o direito dos três filhos, estoira de inveja.
 Estoira de inveja por eu ter uma grata quinta suburbana
 e uma pequena casa urbana, estoira de inveja.
 Estoira de inveja por eu ser o deleite dos amigos,
 por ser muito convidado, estoira de inveja.
 Estoira de inveja porque sou amado e aplaudido.
 Estoire então quem quer que estoire de inveja.

Outras tantas vezes, porém, não pôde deixar de sorrir... E de,
 posteriormente, provocar a risada aos seus leitores... Efectiva-
 mente, chegava a ser tão disparatado o motivo da inveja que lhe
 tinham que mais parecia quererem, deveras, fornecer-lhe matéria-

¹¹ Cf. 1.40; 2.8; 9.81 e 11.94.

-prima para os seus epigramas. É que, para além das letras e dos merecidos louvores e prémios de que estas o dotaram, invejaram-lhe as humildes mulas e a pequena casa de campo:

*Quid imprecabor, o Severe, liuenti?
Hoc opto: mulas habeat et suburbanum.* (8.61.8-9)¹²

Que imprecacões hei-de dirigir, Severo, contra este invejoso?
Isto lhe desejo: que tenha mulas e uma casa de campo.

a vizinhança de um amigo próximo que, afinal, está sempre longe:

*Vicinus meus est manumque tangi
de nostris Nouius potest fenestris.
Quis non inuideat mihi putetque
horis omnibus esse me beatum,
iuncto cui liceat frui sodale?*

...
*Vicinus Nouio uel inquilinus
sit, si quis Nouium uidere non uult.* (1.86.1-5, 12-13)

Nóvio é meu vizinho, e até apertar a mão
se pode das nossas janelas.
Quem há que não me inveje e julgue
que eu sou feliz a toda a hora,
por poder fruir de um tão próximo amigo?

...
Seja vizinho de Nóvio ou co-locatário
quem não quiser ver Nóvio.

ser Marcial, só para possuir quanto possuía, mesmo em abstinência
convalescência:

*Possideat Libycas messis Hermumque Tagumque,
et potet caldam, qui mihi liuet, aquam.* (6.86.5-6)

Possua colheitas líbias e o Hermo e o Tago
mas beba água quente, quem tem de mim inveja.

até um amor devotado mas não correspondido:

*Quaedam me cupit, – inuide, Procille! –
loto candidior puella cycno,*

¹² Cf. 9.97.

*argento, niue, lilio, ligustro:
sed quandam uolo nocte nigriorem,
formica, pice, graculo, cicada.
Iam suspendia saeua cogitabas:
si noui bene te, Procille, uiues. (1.115)*

Há uma tal que me deseja – inveja-me, Procilo –
uma mocinha mais alva que um cisne branco,
que a prata, que a neve, que o lírio, que o ligustro:
mas eu quero uma mais negra que a noite,
que uma formiga, que o breu, que um gaio, que a cigarra.
Já pensavas enfiar a corda sinistra no pescoço:
se bem te conheço, Procilo, hás-de viver.

Não menos risíveis mas bem mais sérias eram as invejas literárias que pretendiam copiar os géneros cultivados do poeta:

*Scribamus epos; coepisti scribere: cessi,
aemula ne starent carmina nostra tuis.
Transtulit ad tragicos se nostra Thalia cothurnos:
aptasti longum tu quoque syrma tibi.
Fila lyrae moui Calabris exculpta Camenis:
plectra rapis nobis, ambitiose, noua.
Audemus saturas: Lucilius esse laboras.
Ludo leuis elegos: tu quoque ludis idem.
Quid minus esse potest? Epigrammata fingere coepi:
hinc etiam petitur iam mea palma tibi.
Elige quid nolis – quis enim pudor omnia uelle? –
et si quid non uis, Tucca, relinque mihi. (12.94)*

Uma epopeia eu escrevia; começaste tu também: parei,
não fossem os meus versos rivalizar com os teus.
Mudou-se a minha Talia para o coturno trágico:
adoptaste também tu o hábito longo de cena.
Toquei as cordas da lira polidas pelas Camenas da Calábria:
tu roubas, ambicioso, este meu novo plectro.
Atrevo-me a fazer sátiras: curas tu de ser Lucílio.
Ensaio as elegias leves: também tu ensaias o mesmo.
Que pode ser mais humilde? Encetei os epigramas:
e até mesmo aqui a minha palma já cobiças.
Escolhe o que não queres – tudo querer é vergonha –
e se algo houver que não queiras, Tuca, deixa-o para mim!

Mais graves mesmo só as que procuravam apropriar-se dos versos de Marcial, divulgando-os, depois, como da sua autoria, qual

plagiarius que se apropria do escravo de outrem e o vende como sendo seu ou que procura reduzir à escravidão um homem já de outro liberto¹³:

*Commendo tibi, Quintiane, nostros –
nostros dicere si tamen libellos
possum, quos recitat tuus poeta:
si de seruitio graui queruntur,
assertor uenias satisque praestes,
et, cum se dominum uocabit ille,
dicas esse meos manuque missos.
Hoc si terque quaterque clamitaris,
impones plagiario pudorem. (1.52)*¹⁴

Encomendo-te, Quinciano, os meus –
se é que meus posso chamar,
os epigramas que recita um teu amigo poeta –:
se eles se queixam de dura servidão,
vem afiançar que são livres e garante o que for preciso;
e quando essoutro se intitular seu dono,
diz-lhe que são meus e por minha mão libertos.
Se três e quatro vezes isto gritares,
hás-de inculcar vergonha ao plagiário.

O marcealino plagiário¹⁵, invejoso dos piores, é severamente criticado pelo poeta que o condena ao silêncio:

*Aliena quisquis recitat et petit famam,
non emere librum, sed silentium debet. (1.66.13-14)*

Quem recita o que é dos outros e procura a fama,
não deve comprar o livro, mas o silêncio.

Não que ao poeta de BÍLBIS a afronta do plágio dos seus epigramas cause verdadeiro temor, até porque nos parece, como pareceu a Cristina Pimentel, “que ele constitui o seu próprio ponto de referência e que o seu livro não compete com nenhum outro”¹⁶:

¹³ Cf. Pimentel (2000, I: 71, n.º 127).

¹⁴ Cf. 1.29, 38, 53, 66 e 72; 2.6; 10.100 e 12.63.

¹⁵ Com efeito, “Marcial parece ter usado pela primeira vez este termo como metáfora designando ‘o que rouba os escritos de alguém e os divulga como seus’” (Pimentel, 2000, I: 71, n.º 127).

¹⁶ Pimentel (2004: 64, n.º 221).

*Quid, stulte, nostris uersibus tuos misces?
Cum litigante quid tibi, miser, libro?* (10.100.1-2)

Porquê, tolo, com meus versos misturas os teus?
Que tens que ver, desgraçado, com um livro que pleiteia consigo?

Assim, preocupado mais em superar-se a si próprio do que em procurar neles modelos, não inveja aos seus pares as suas composições, como eles, “*stulti*” e “*miseri*”, farão. Não significa isto, porém, que deixe de invejá-los...

A inveja que Marcial tem dos outros não radica, de facto, na figura do outro em si, mas nas condições que lhe couberam para poder viver a sua vida, seja esse outro um poeta, como ele, ou desempenhe qualquer ofício distinto.

É inegável, de facto, que uma sorte muito diversa trouxe aos poetas o curso do século I¹⁷...

Nos alvares do principado, o próprio Augusto (não sem interesse¹⁸) e Mecenas, o pai dos filantropos, foram apenas dois dos que asseguraram aos poetas excepcionais condições de produção literária que se traduziram se não nas mais belas, decerto nas mais conhecidas páginas da Literatura Latina.

Face ao esplendor do dealbar do século, a precária situação dos poetas, no final da primeira centúria, é desditoso mote para a ironia trágica...

Ironizando, então, com as reviravoltas da fortuna, que ao próprio não pouparam, Marcial, num muito elogioso (e ainda mais interessado!) cumprimento ao novo *Princeps*, espera que, sendo ele o “Augusto salvador de Roma”, traga consigo algum “Mecenas salvador do(s) poeta(s)”:

¹⁷ Tão ou mais cruel que a própria sorte dos poetas finisseculares só a consciência da sua própria situação. Da degradação das condições de produção poética no século I, alvo da magistral crítica de Marcial, poucos se terão alheado, como provam as páginas das *Sátiras* de Juvenal, onde este dá a conhecer, para que se confronte, o esboço da ‘Idade do Ouro’ das letras latinas e o demérito de que acabaram vítimas. (Cf., exemplarmente, Juvenal, *Sat.* 7.1-97).

¹⁸ Com efeito, Peter Garnsey e Richard Saller não se escusam a aventar que “Augustus required nothing less from his clients (and from those authors patronized by his confidant of the 30s and 20s, Maecenas) than the organization of opinion in support of his regime” (Garnsey; Saller, 1996: 180).

*At quam uicturas poteramus pangere chartas
quantaque Pieria proelia flare tuba,
cum pia reddiderint Augustum numina terris,
et Maecenatem si tibi, Roma, darent!* (11.3.7-10)

Mas quantas páginas inorredouras poderia eu compor e quantas batalhas com a tuba da Piéria entoar, se, depois de restituírem Augusto ao mundo, os deuses benfazejos te concedessem, Roma, também um Mecenas!

Mas a sorte hesitava em sorrir aos poetas e, como salienta Sara Myers, Marcial não deixa de lamentá-lo em incontáveis epigramas¹⁹ por onde perpassa a inveja que sente ora de algum contemporâneo seu, pontualmente venturoso:

*Donasse amicum tibi ducenta, Mancine,
nuper superbo laetus ore iactasti.
Quartus dies est, in Schola Poetarum
dum fabulamur, milibus decem dixi
emptas lacernas munus esse Pompullae,
sardonycha uerum lineisque ter cinctum
duasque similes fluctibus maris gemmas
dedisse Bassam Caeliamque iurasti.
Here de theatro, Pollione cantante,
cum subito abires, dum fugis, loquebaris,
hereditatis tibi trecenta uenisse,
et mane centum, et post meridiem centum.
Quid tibi sodales fecimus mali tantum?
Miserere iam crudelis et sile tandem.
Aut, si tacere lingua non potest ista,
aliquando narra quod uelimus audire.* (4.61)

Que um amigo te deu duzentos mil sestércios, Mancino, ainda há pouco, alegre e com ar triunfante apregoaste. Quatro dias atrás, quando no clube dos poetas conversávamos, afirmaste que aquela capa, no valor de dez mil sestércios, era presente de Pompula; e uma sardónica genuína, cingida por três bandas, e duas gemas semelhantes às ondas do mar, que eram oferta de Bassa e de Célia juraste. Ontem, cantava ainda Polião e do teatro subitamente saíste e informavas, ao abalar, que trezentos mil em herança te haviam deixado

¹⁹ Cf. Myers (2006: 451).

e cem pela manhã e mais cem após o meio-dia.
 Que mal tamanho te fizemos nós, os teus parceiros?
 Tem piedade, seu cruel, e cala-te de uma vez.
 Ou então, se pôr tento nessa língua não se pode,
 conta, por uma vez, o que gostemos de ouvir.

ora de todos quantos protegera o mecenato, convertido, agora, na
 viciosa e escravizante *clientela*, pelo poeta, dona dos seus dias, parca
 em recompensas e exigente em deveres e obrigações:

*Exigis a nobis operam sine fine togatam:
 non eo, libertum sed tibi mitto meum.
 "Non est" inquis "idem". Multo plus esse probabo:
 uix ego lecticam subsequar, ille feret.
 In turbam incideris, cunctos umbone repellat:
 inualidum est nobis ingenuumque latus.
 Quidlibet in causa narraueris, ipse tacebo:
 at tibi tergeminum mugiet ille sophos.
 Lis erit, ingenti faciet conuicia uoce:
 esse pudor uetuit fortia uerba mihi.
 "Ergo nihil nobis" inquis "praestabis amicus"?
 Quidquid libertus, Candide, non poterit. (3.46)²⁰*

Exiges de mim os intermináveis deveres de um cliente:
 não vou, mas mando-te o meu liberto.
 “Não é – observas – a mesma coisa”. É muito mais, vou-te provar:
 a custo poderei acompanhar a liteira, ele é capaz de a levar.
 Se te enfiares em um ajuntamento, a todos, com o cotovelo, ele repelirá:
 eu tenho flancos débeis e delicados.
 Digas o que disseres no processo, eu ficarei calado:
 mas ele três vezes te mugirá: “bravo”!
 Se houver uma contenda, ele, com estridente voz, levantará uma algazarra:
 impede-me a vergonha de pronunciar palavras.
 “Em suma, para nada – replicas – me servirás como amigo”?
 Para tudo aquilo, Cândido, que o liberto não puder fazer.

a que nem sempre conseguia furtar-se pelo envio de um liberto ou
 de um dos seus livrinhos:

*Vade salutatum pro me, liber: ire iuberis
 ad Proculi nitidos, officiose, lares.
 ...*

²⁰ Cf. *ep.* 3.4; 5.19 e 20 e 10.58 e 96.

*Si dicet "Quare non tamen ipse uenit"?
sic licet excuses "Quia qualiacumque leguntur
ista, saluator scribere non potuit". (1.70.1-2, 16-18)²¹*

Vai, ó livro, saudar em vez de mim: ordeno-te que vás,
serviçal, até à resplandecente morada de Próculo.

...

Se ele disser: 'Mas porque não veio ele próprio?'
assim me deves desculpar: "Porque, seja qual for a apreciação,
destes versos, quem vem saudar não os teria podido escrever".

e a que, embora *ineptus* e quando a sua motivação seria a negada
possibilidade de se entregar à sua Talia, se via obrigado, assumindo
o penoso papel de

*Quisquam picta colit Spartani frigora saxi
et matutinum portat ineptus haue (1.55.5-6)²²*

Quem vai admirar a frieza colorida do mármore espartano
e levar, desmotivado, a matutina saudação

e sujeitando-se a que, ainda assim, por um sem número de razões
(quantas vezes irrazoáveis!), nem sempre corressem de feição os
seus esforços:

*Mane salutauí uero te nomine casu
nec dixi dominum, Caeciliane, meum.
Quanti libertas constet mihi tanta requiris?
Centum quadrantes abstulit illa mihi. (6.88)²³*

Por teu nome te saudei, de manhã, por engano,
e não te chamei meu senhor, Ceciliano.
Queres saber quanto custa tamanha liberdade?
Um cento de quadrantes a mim ela roubou.

E como o indignava esta relação de tão unidireccionais vanta-
gens²⁴!

²¹ Cf. 1.108.

²² Cf. 4.8; 10.70 e 82; 11.24 e 14.125.

²³ Cf. 2.5; 3.37; 5.22 e 9.6.

²⁴ Baseando-se em Peter White, esclarece Ruurd Nauta a origem deste
desequilíbrio: "The associations of the word 'patron' in its first usage are,

Ganhava o patrono, na medida em que perdia o cliente: ao primeiro, o louvor do poeta e a sua adulação, a sua presença matutina para diariamente corresponder às necessidades de um séquito que saudasse o senhor ao sair de casa, que lhe abrisse o caminho ao andar pelas ruas, que tomasse o seu partido e que o aplaudisse publicamente ao chegar ao *forum*, que nele votasse e que contribuisse para o fazer cônsul ou governador; ao último, cem quadrantes com que não se governava ou, pior, um mísero convite para um jantar que mal lhe mataria a fome... Calcorreados, lado a lado, os mesmos caminhos, um dignificava-se, o outro perdia até o tempo dignificante da escrita, por isso, conclui Marcial:

*Viginti nummis? Non ego: malo famem
 quam sit cena mihi, tibi sit provincia merces,
 et faciamus idem nec mereamur idem. (12.29.14-16)*

Por vinte moedas? Não! Prefiro passar fome
 a ganhar um jantar, enquanto tu ganhas uma província:
 é fazer a mesma coisa e não ganhar a mesma coisa.

Nestas circunstâncias, ainda que tantas vezes mutuamente se tratem por amigos, é incompatível manter, entre patrono e cliente, uma relação de amizade sincera²⁵: porque nenhum amigo pode ser aviltante para com o seu amigo, como o são os patronos relativamente aos seus clientes, nem menos digno que o seu amigo, como o são os clientes face aos seus patronos, Marcial, reconhecendo não haver verdade na utilização deste conceito, recusa-o:

*Vis te, Sexte, coli: uolebam amare.
 Parendum est tibi: quod iubes, coleris.
 Sed si te colo, Sexte, non amabo. (2.55)*

according to White, ‘philanthropic disposition’ and (when applied to a supporter of a writer rather than an artist) ‘literary sensibilities’: the patron is assumed to take an interest in the work of the writer, and to offer him the long-term material support which will enable him to pursue his work; White then submits that this type of patron is ‘barely glimpsed’ in the literary world of Ancient Rome” (Nauta 2002: 12).

²⁵ Ruurd Nauta explicita que “the word *amicus* and the corresponding noun *amicitia* were used for a wide variety of relationships, whether between equals or unequals, whether marked by deeply felt affection or by mere urban politeness, whether founded on selfless devotion or on the interested exchange of goods and services” (R. Nauta, 2002: 15).

Queres, Sexto, que te corteje: eu queria ser teu amigo.
É preciso obedecer-te: já que o ordenas, serás cortejado.
Mas, se te cortejo, Sexto, não serei teu amigo.

Verdadeiramente, para o poeta de BÍlbilis, o mais custoso é ter de dar à troca a sua dignidade pela parca recompensa (e só quando era bem sucedido!) de patronos desdenhosos e avaros:

*Quod te mane domi toto non uidimus anno,
uis dicam quantum, Postume, perdiderim?
Tricenos, puto, bis uel denos ter, puto, nummos.
Ignoscas: togulam, Postume, pluris emo. (4.26)²⁶*

Porque todo o ano te não fui ver a casa pela manhã,
queres que te diga, Póstumo, quanto perdi?
Creio que trinta vezes dois ou vinte vezes três sestércios.
Perdoarás: mais me custa, Póstumo, uma toguita.

ou ter de manchá-la com sentimentos de inveja causados por patronos desumanos e mesquinhos:

*Inuitas centum quadrantibus et bene cenas.
Ut cenem inuitor, Sexte, an ut inuideam? (4.68)²⁷*

Convidas-me para um jantar de cem quadrantes e tu jantas à grande.
É para jantar, Sexto, o teu convite ou antes para te invejar?

Mas quase nunca se seguia a conquista da liberdade ao grito de libertação:

*Vis fieri liber? Mentiris, Maxime, non uis:
sed fieri si uis, hac ratione potes.
Liber eris, cenare foris si, Maxime, nolis,
Veientana tuam si domat uua sitim,
si ridere potes miseri chrysendeta Cinnae,
contentus nostra si potes esse toga,
si plebeia Venus gemino tibi iungitur asse,
si tua non rectus tecta subire potes.
Haec tibi si uis est, si mentis tanta potestas,
liberior Partho uiuere rege potes. (2.53)*

²⁶ Cf. 2.19; 3.12, 36 e 41; 4.40; 5.25; 6.20; 7.53 e 92; 8.33 e 71; 9.85 e 100 e 12.36.

²⁷ Cf. 1.20, 43 e 99; 2.46; 3.60; 5.82; 6.11 e 9.2.

Queres tornar-te livre? Mentas, Máximo, não queres.
 Mas se queres tornar-te, podes consegui-lo desta forma.
 Livre serás, se jantar fora, Máximo, não quiseres,
 se é a uva de Veios a matar a tua sede,
 se és capaz de trocar da baixela de ouro do desgraçado Cina,
 se és capaz de te contentar com a minha toga,
 se fazes amor pelo vulgar preço de dois asses,
 se és capaz de não entrar direito debaixo do teu tecto.
 Se tens esta força, se tens tamanha força de vontade,
 podes viver mais livre que um rei parto.

Pois, na verdade, a sempre prazenteira recusa de um patrono:

*Quod te nomine iam tuo saluto,
 quem regem et dominum prius uocabam,
 ne me dixeris esse contumacem:
 totis pillea sarcinis redemi.
 Reges et dominos habere debet
 qui se non habet atque concupiscit
 quod reges dominique concupiscunt. (2.68.1-7)²⁸*

Porque te saúdo agora pelo teu nome,
 a quem antes tratava por rei e senhor,
 não digas que eu sou orgulhoso:
 comprei o gorro da liberdade por toda a minha tralha.
 Reis e senhores deve ter
 quem de si não é senhor e deseja
 o que os reis e senhores desejam.

só obrigava à aceitação de um outro, é que o provento que nunca
 adviera das letras²⁹ não adviria agora, e à falta de verdadeiros
 mecenas não podia faltar a *sportula* de um patrono de modo a asse-
 gurar-se a sobrevivência:

*Centum miselli iam ualete quadrantes,
 anteambulonis congiarium lassi,
 quos diuidebat balneator elixus.
 Quid cogitatis, o fames amicorum?*

²⁸ Cf. 2.18 e 32.

²⁹ Do infatigável esforço dos estudiosos tem resultado, unanimemente, a conclusão de que os autores antigos não lucrariam directamente com a venda dos seus livros. Cf., a este propósito, Habinek (1998: 106) ou Connors (2000: 214).

Regis superbi sportulae recesserunt.

“*Nihil stropharum est: iam salarium dandum est*”. (3.7)³⁰

Agora adeus, cem míseros quadrantes,
gratificação de um batedor desfalecido,
e que distribuía um banheiro assaz suado.
Que pensam, amigos meus da fome?
Recuaram as espórtulas de um patrono soberbo.
“Deixemo-nos de cantigas: é preciso dar imediatamente um salário”.

Parece o verso precedente um anacrónico decalque de uma qualquer acção panfletária de um qualquer sindicato do dia primeiro do mês de Maio, mas, efectivamente, a necessidade de um *salarium*, digno do trabalho feito e que dignifique o trabalhador, é tão verdade hoje, quanto o foi há dois mil anos!

Que mais invejaria, pois, o poeta?
Nada! E nada mais pedia também...

Aos seus patronos limitou-se a transmitir as exigências da sua Musa. Se a poesia não prescinde de um amor de que se alimente, “*da quod amem*”:

*Istanti, quo nec sincerior alter habetur
pectore nec niuea simplicitate prior,
si dare uis nostrae uires animosque Thaliae
et uictura petis carmina, da quod amem.
Cynthia te uatem fecit, lasciuue Properti;
ingenium Galli pulchra Lycoris erat;
fama est arguti Nemesi formosa Tibulli;
Lesbia dictauit, docte Catulle, tibi:
non me Paeligni nec spernet Mantua uatem,
si qua Corinna mihi, si quis Alexis erit.* (8.73)

Instância – coração mais sincero não há,
nem o excede a mais cândida franqueza –,
se queres dar força e ânimo à minha Talia

³⁰ Caminhos cada vez mais ínvios foram os poetas, dependentes da *clientela*, obrigados a trilhar: a *sportula* do patrono, de sempre parca, viram-na reduzida por Nero a um salário de cem míseros quadrantes, menos miseráveis, porém, que a *cena* por que Domiciano havia de substituí-los... Com efeito, de que servia ao poeta a submissão a uma lista interminável de patronos, quando só necessitava de jantar uma vez em cada dia? E como, sem um salário, por frugal que fosse, obter proventos para as outras refeições ou para as outras necessidades? (Cf. Marcial, 2000, I: 132, n.º 13 e n.º 17).

e pedes poemas imortais, dá-me a graça de amar.
Cíntia te fez poeta, lascivo Propércio;
a inspiração de Galo era a bela Licóris;
Némesis formosa é a fama do melodioso Tibulo; parco
Lésbia te ditou, douto Catulo, «a poesia»:
Nem os Pelignos nem Mântua me desdenharão como poeta,
se uma Corina, se um Aléxis tiver.

Se esse amor precisa de tempo para germinar e florescer num poema, “*otia da nobis*”:

*Saepe mihi dicis, Luci carissime Iuli,
“Scribe aliquid magnum: desidiosus homo es”.
Otia da nobis, sed qualia fecerat olim
Maecenas Flacco Vergilioque suo:
condere uicturas temptem per saecula curas
et nomen flammis eripuisse meum.
In steriles nolunt campos iuga ferre iuuenti:
pingue solum lassat, sed iuuat ipse labor. (1.107)*

Muitas vezes me dizes, caríssimo Lúcio Júlio,
“Escreve qualquer coisa grande: és um tipo preguiçoso”.
Dá-me tempo livre, qual concedeu outrora
Mecenas a Flaco e ao seu Virgílio:
eu tentaria erigir obras imorredouras através dos séculos
e arrancar o meu nome às chamas.
Por campos estéreis não querem os novilhos arrastar o jugo:
o solo fecundo cansa, mas até dá prazer o trabalho.

Se esse tempo só se torna possível, “*si munera Maecenatis des mihi*”, então não deve hesitar-se, para que se não perca um poeta:

*Temporibus nostris aetas cum cedat auorum
creuerit et maior cum duce Roma suo,
ingenium sacri miraris deesse Maronis
nec quemquam tanta bella sonare tuba.
Sint Maecenates, non deerunt, Flacce, Marones
Vergiliumque tibi uel tua rura dabunt.
Iugera perdididerat miserae uicina Cremonae
flebat et abductas Tityrus aeger oues:
risit Tuscus eques, paupertatemque malignam
reppulit et celeri iussit abire fuga.
“Accipe diuitias et uatum maximus esto;
tu licet et nostrum” dixit “Alexin ames”.
Astabat domini mensis pulcherrimus ille
marmorea fundens nigra Falerna manu,*

*et libata dabat roseis carchesia labris,
 quae poterant ipsum sollicitare Iouem.
 Excidit attonito pinguis Galatea poetae
 Thestylis et rubras messibus usta genas;
 protinus Italiam concepit et “arma uirumque”,
 qui modo uix Culicem fleuerat ore rudi.
 Quid Varios Marsosque loquar ditataque uatum
 nomina, magnus erit quos numerare labor?
 Ergo ero Vergilius, si munera Maecenatis
 des mihi? Vergilius non ero, Marsus ero. (8.55)*

Embora os nossos tempos superem a época dos avós e Roma tenha crescido ainda mais com o seu senhor, admiras-te de que falte o engenho do sublime Marão e que ninguém celebre as guerras com tão canora tuba. Haja Mecenas, não faltarão Flaco, Marões e um Virgílio, até os teus campos, se quiseres, to darão. Perdera as jeiras próximas da infeliz Cremona e chorava Títiro, desolado, as ovelhas roubadas: sorriu o cavaleiro etrusco e a pobreza mesquinha repeliu e ordenou que partisse em célere fuga. “Toma riquezas e vai ser o maior dos vates; até podes” ajuntou “amar o meu Aléxis”. Postava-se junto da mesa do seu senhor, aquela suma beleza, a verter o negro falerno com a sua mão branca de mármore, e servia-lhe copos provados por seus róseos lábios, capazes de seduzir o próprio Júpiter. Atónito, o poeta esqueceu a nédia Galateia e Téstilis, queimada, nas rubras faces, das ceifas. E logo concebeu «o poema de» Itália e “as armas e o varão” quem há pouco acabara de deplorar o Mosquito com voz rude. Para quê falar dos Vários e dos Marsos e dos ditosos nomes de vates, que muito trabalho darão a citar? Serei, portanto, um Virgílio, se as dádivas de Mecenas me concederes? Virgílio não serei, Marso serei.

Efectivamente, as palavras de Marcial permitem-nos, com clareza, discernir os requisitos para a produção poética; os mesmos que haviam sido apanágio dos grandes autores do início do século I, os mesmos sem os quais burilariam as suas composições os poetas finisseculares... Confrontados com o labor do bilbilitano, seremos tentados a dizer que nem por isso foram inferiores aos primeiros... Aliás, teremos mesmo de admitir que, em certa medida, os superaram, pois, com condições mais adversas não deixaram de produzir obras imorredouras!

É, ainda, plenamente justificável a estupefacta inveja de Marcial que, nesse seu tempo de valores invertidos, assiste impotente ao laurear dos mais vulgares mesteres.

A aferir pelos rendimentos, parece-nos que, ao tempo, toda profissão era, de longe, superior ao ofício das letras (e como isso nos faz lembrar os dias de hoje!)... Fosse a de orador ou de qualquer das demais actividades dos tribunais:

*O mihi curarum pretium non uile mearum,
 Flacce, Antenorei spes et alumne laris,
 Pierios differ cantusque chorosque sororum;
 aes dabit ex istis nulla puella tibi.
 Quid petis a Phoebos? Nummos habet arca Mineruae;
 haec sapit, haec omnes fenerat una deos.
 Quid possunt hederæ Bacchi dare? Pallados arbor
 inclinat uarias pondere nigra comas.
 Praeter aquas Helicon et sarta byrasque dearum
 nil habet et magnum, sed perinane sophos.
 Quid tibi cum Cirrha? Quid cum Permesside nuda?
 Romanum propius diuitiusque forum est.
 Illic aera sonant: at circum pulpita nostra
 et steriles cathedras basia sola crepant. (1.76)³¹*

Ó não baixa recompensa dos meus cuidados,
 Flaco, esperança e filho da casa de Antenor
 deixa para depois os cantos piérios e os coros das [nove] irmãs,
 nenhuma destas virgens te dará um chavo.
 Que pretendes tu de Febo? Dinheiro tem o cofre de Minerva;
 ela é esperta, ela é a única que empresta a todos os deuses.
 Que podem as heras de Baco oferecer? A árvore de Palas
 verga os ramos variegados, negra da sua carga.
 O Hélicon, além das águas, das coroas e das liras das deusas,
 nada tem de grande, só estéreis bravos.
 Que te interessa cirra? Que te interessam as águas do Permesse?
 O foro romano é mais perto e mais rico.
 Ali tilinta o dinheiro, enquanto em volta dos nossos palcos
 e cadeiras estéreis ressoa apenas o estalar dos beijos.

a de citaredo, de flautista, de pregoeiro ou de arquitecto:

*Artes discere uult pecuniosas?
 Fac discat citharoedus aut choraules;*

³¹ Cf. 2.30.

*si duri puer ingeni uidetur,
praeconem facias uel architectum.* (5.56.8-11)³²

Quer aprender artes dinheiras?
Faz com que aprenda a arte do citaredo ou do flautista;
se o rapaz parecer duro de natureza,
faz dele pregoeiro ou arquitecto.

a de sapateiro, de pisoeiro ou de taberneiro:

*Sutor Cerdo dedit tibi, culta Bononia, munus,
fullo dedit Mutinae: nunc ubi copo dabit?* (3.59)³³

O sapateiro Cerdão ofereceu-te, ó culta Bonónia, um espectáculo de gladiadores;
o pisoeiro ofereceu outro em Mútina. Onde oferecerá agora o seu o taberneiro

ou, mesmo, a de auriga:

*Iam parce lasso, Roma, gratulatori,
lasso clienti. Quam diu saluator
anteambulones et togatulos inter
centum merebor plumbeos die toto,
cum Scorpus una quindecim graues hora
feruentis auri uictor auferat saccos?* (10.74.1-6)³⁴

Poupa, enfim, Roma, o teu exausto cumprimentador,
o teu exausto cliente. Por quanto tempo, como saudador,
entre batedores de séquito e reles clientes,
terei de ganhar cem cobres num dia inteiro,
quando, ao vencer, Escorpo aufere numa hora
quinze pesados sacos de ouro ainda rebrilhantes?

E, atropelo dos atropelos, nem ao menos a fama era capaz de
salvaguardar aos poetas o valimento que a parca receita injustiçava,
uma vez que a seus vingos olhos era tão (ou mais!) meritório de
nomeada um cavalo de corrida do que de glória Marcial:

*Vndenis pedibusque syllabisque
et multo sale nec tamen proteruo
notus gentibus ille Martialis*

³² Cf. 3.4 e 6.8.

³³ Cf. 3.16 e 9.73.

³⁴ Cf. 10.76.

*et notus populis – quid inuidetis? –
non sum Andraemone notior caballo.* (10.9)

À custa de meus versos de onze pés e de onze sílabas
e de meu grande humor, isento de crueza,
sou conhecido das nações como o famoso Marcial,
e conhecido dos povos... Mas porque me invejam?
Não sou mais conhecido que o cavalo Andrémon.

Por isso, a qualquer um que lhe demonstre o intento, Marcial o desengana das oportunidades literárias de uma vinda para Roma; aliás, ninguém terá mesmo havido de mais inteligente do que Túcio que, à perspectiva das *sportulae* e já na ponte Mílvio, resolveu voltar para trás³⁵:

*Quae te causa trahit uel quae fiducia Romam,
Sexte? Quid aut speras aut petis inde? Refer.
“Causas” inquis “agam Cicerone disertior ipso
atque erit in triplici par mihi nemo foro”.
Egit Atestinus causas et Cuius – utrumque
noras –; sed neutri pensio tota fuit.
“Si nihil hinc ueniet, pangentur carmina nobis:
audieris, dices esse Maronis opus”.
Insanis: omnes gelidis quicumque lacernis
sunt ibi, Nasones Vergiliosque uides.
“Atria magna colam”. Vix tres aut quattuor ista
res abuit, pallet cetera turba fame.
“Quid faciam? Suade: nam certum est uiuere Romae”.
Si bonus es, casu uiuere, Sexte, potes.* (3.38)

Que motivo ou confiança te puxa para Roma,
Sexto? Que esperas ou que procuras daí? Conta lá.
“Causas – replicas tu – defenderei com mais eloquência que o próprio Cícero
e ninguém estará à minha altura nos três foros”.
Defenderam causas Atestino e Cive – um e outro
deves ter conhecido –; mas nenhum ganhou com que pagar totalmente a renda
<da [casa]>.

“Se nada daqui advier, escreveremos poemas:
quando os ouvires, dirás que são obra de Virgílio”.
Endoideceste em todos quantos estão para aí,
com enregeladas lacernas, podes ver Nasões e Virgílios.
“Frequentarei os grandes átrios”. Dificilmente alimentou tal ocupação
três ou quatro, empalidece a restante turba com fome.

³⁵ Cf. 3.14.

“Que hei-de fazer? Aconselha-me lá. É que estou decidido a viver em Roma”.
Se és honesto, Sexto, por obra da Sorte poderás viver.

E a todo o romano que lhe pergunte pela carreira em que iniciar um filho, o bilbilitano desaconselha de todo a de poeta:

*Cui tradas, Lupe, filium magistro,
quaeris sollicitus diu rogasque.
Omnes grammaticosque rhetorasque
deuites moneo: nihil sit illi
cum libris Ciceronis aut Maronis,
famae Tutilium suae relinquat;
si uersus facit, abdicet poetam.* (5.56.1-7)

A que professor confiar, Lupo, o teu filho,
é o que preocupado perguntas há muito e esperas resposta.
Todos os gramáticos e retores
te aconselho a evitares: que ele despreze
os livros de Cícero ou Marão,
que deixe Tutílio entregue à sua fama;
Se faz versos, renega o poeta.

Pois se a ele próprio os pais educaram para as letras, se ele próprio veio a Roma, e, ainda assim, diz, vive miseravelmente:

*At me litterulas stulti docuere parentes:
quid cum grammaticis rhetoribusque mihi?* (9.73.7-8)³⁶

A mim, os meus pais, tontos, deram-me a aprender as letrinhas:
os gramáticos e os retores que ganho eu com eles?

Mas viverá, de facto, assim tão miseravelmente aquele que, logo pelos seus versos primevos, compostos para celebrar os grandes jogos inaugurais do Coliseu e o imperador que os oferecera³⁷, recebeu, como acima já mencionámos, louvores e prémios? Na verdade, não podendo ficar alheio aos epigramas de Marcial, dada a veneração demonstrada, relativamente a si e à sua obra (ainda que a primeira delas fosse essencialmente de adulação interessada!), um César concede e um outro confirma ao poeta, como o próprio nos dá a conhecer, o *ius trium liberorum*:

³⁶ Cf. 1.59; 6.82; 7.16 e 27.

³⁷ Cf. Levick (1999: 77).

*Praemia laudato tribuit mihi Caesar uterque
natorumque dedit iura paterna trium. (3.95.5-6)*³⁸

Ambos os Césares me louvaram e dotaram com prémios e concederam-me o privilégio de paternidade de três rebentos.

e a ascensão à *ordo equester*:

*Est et in hoc aliquid: uidit me Roma tribunum
et sedeo qua te suscitatur Oceanus. (3.95.9-10)*³⁹

E olha que isto não é coisa pouca: viu-me Roma tribuno e sento-me onde Oceano te faz levantar.

Marcial argumenta que se terão traduzido em poucos privilégios as recompensas do imperador...

Confiamos, então, que vivia miseravelmente?

Mas como, se é o próprio bilbilitano quem amiúde recorda as suas possessões e conquistas?

Não pode, certamente, ser miserável quem possui uma casa na cidade e outra no campo:

*Bis uicine Nepos – nam tu quoque proxima Florae
incolis et ueteres tu quoque Ficelias – (6.27.1-2)*⁴⁰

Ó duas vezes vizinho Nepos, – também tu perto de Flora e também na antiga Ficélias habitas –

quem tem escravos ao seu serviço, de barbeiros a escribas:

*Illa manus quondam studiorum fida meorum
et felix domino notaque Caesaribus (1.101.1-2)*⁴¹

Aquela era a mão outrora confidente dos meus escritos, útil ao patrão e conhecida dos Césares

quem admite ter sido acolhido, pelo menos ocasionalmente, por um bom patrono:

³⁸ Cf. 2.91 e 92.

³⁹ Cf. 5.13 e 9.49.

⁴⁰ Cf. 9.18 e 10.58.

⁴¹ Cf. 8.52.

*Quod Flacco Varioque fuit summoque Maroni
Maecenas, atavis regibus ortus eques,
gentibus et populis hoc te mihi, Prisce Terenti,
fama fuisse loquax chartaque dicet anus.
Tu facis ingenium, tu, si quid posse uidemur;
tu das ingenuae ius mihi pigritiae.
Macte animi, quem rarus habet, morumque tuorum,
quos Numa, quos hilaris possit habere Cato.
Largiri, praestare, breues extendere census
et dare quae faciles uix tribuere dei,
nunc licet et fas est. Sed tu sub principe duro
temporibusque malis ausus es esse bonus. (12.3)⁴²*

Quanto Flaco e Vário e o incomparável Marão colheram do cavaleiro Mecenas de antiga linhagem real, colho eu de ti, Terêncio Prisco, – às nações e povos o dirá a voz da fama e um anoso manuscrito. A ti devo a inspiração, a ti o mérito que me atribuem; Tu me dás o ócio honesto de um livre cidadão. Glória à tua alma incomum e aos teus costumes, dignos de Numa ou de um Catão amante do riso. Ser generoso, protector, aumentar os parques bens e dar tanto quanto a custo os benignos deuses dão, é agora legal e justo. Mas sob um príncipe cruel e quando os tempos eram maus, tu ousaste ser bom.

Se não confiamos na miséria inevitável dos poetas da Urbe, como tomar por sensatos e avisados conselhos – e não mera maledicência invejosa – as palavras desencorajadoras que dirige a todos quantos procuram viver em Roma e cultivar as letras?

Sentir-se-ia Marcial ameaçado com a concorrência e procuraria truncá-la pela raiz?

O que a nós nos parece mais lógico aventar, porque não vemos, de todo, no poeta de Bilbilis um pérfido invejoso, é que possuísse tal consciência do seu valor e da paga por ele recebida que o levasse a temer pelos menores, cuja sorte não podia deixar de vislumbrar pior que a sua...

Na verdade, ele é o *toto notus in orbe Martialis*⁴³!

E, afinal, até é *minimum* o seu prédio rural⁴⁴ e *parui* são os seus

⁴² Cf. 8.50.

⁴³ Cf. 1.1.

⁴⁴ Cf. 9.18.

apostos na cidade⁴⁵; não muitos, os escravos estão pela família, na sua Roma adoptiva, e são, como tal, chorados na morte⁴⁶; e um patrono, por melhor que seja, nunca será Mecenas⁴⁷!

Então, não viveria miseravelmente não fosse Marcial, mas, sendo Marcial, vive miseravelmente:

*Quidam me modo, Rufe, diligenter
inspectum, uelut emptor aut lanista,
cum uultu digitoque subnotasset,
“Tune es, tune” ait “ille Martialis,
cuius nequitiās iocosque nouit
aurem qui modo non habet Batauaam”?*
*Subrisi modice, leuique nutu
me quem dixerat esse non negaui.
“Cur ergo” inquit “habes malas lacernas”?*
Respondi: “Quia sum malus poeta” (6.82.1-10)⁴⁸.

Um tipo que há pouco, Rufo, atento me inspeccionou, como comprador ou mestre de gladiadores, quando me fitou com os olhos e o dedo, “Tu... tu não és”, exclamou, “aquele Marcial cuja malícia e graça é bem conhecida de quem de um batavo não tenha o ouvido”? Sorri com modéstia, e com leve aceno, não neguei que era quem ele dissera. “Então porque é”, objectou, “que tens um mau capote”? Eu lhe respondi: “Porque sou mau poeta”.

A mordaz ironia deste último verso atesta, definitivamente, o que avançáramos: não pode invejar os seus pares quem para tal não encontra motivos – a falta de Marcial é a falta de modéstia!

Porém, não seria absolutamente lícito afirmar não ter o bilbilitano experimentado o sentimento da inveja aos literatos... Todavia, Marcial soube ser o invejoso indigno de censura:

⁴⁵ *Ibidem.*

⁴⁶ Cf. 1.101; 5.34 e 37 e 10.61.

⁴⁷ Ruurd Nauta sintetizou cabalmente o que procura transmitir-nos o bilbilitano em tantos dos seus epigramas: “there is patronage, but not as bountiful as Martial would wish, with the consequence that the poet could not limit himself to paying court to one or two very great man. Instead of one Maecenas or Seneca, there are a great many patrons on whose support Martial is dependent” (Nauta, 2002: 87).

⁴⁸ Cf. 11.3.

*Sexte, Palatinae cultor facunde Mineruae,
ingenio fruere qui propiore dei –
nam tibi nascentes domini cognoscere curas
et secreta ducis pectora nosse licet –,
sit locus et nostris aliqua tibi parte libellis,
qua Pedro, qua Marsus quaque Catullus erit.
Ad Capitolini caelestia carmina belli
grande cothurnati pone Maronis opus. (5.5)*

Sexto, eloquente cultor da Minerva palatina,
tu que gozas, mais de perto, da inspiração de um deus
(já que te é dado conhecer, ao nascerem, os trabalhos do teu senhor,
e te é lícito penetrar os secretos pensamentos do nosso chefe),
oxalá encontres também lugar em alguma parte para os meus livrinhos,
onde Pedão, onde Marso e onde Catulo estiveram.
Junto aos divinos poemas sobre a guerra capitolina
coloca «apenas» a obra grandiosa do egrégio Marão.

É que, de acordo com Gian Biagio Conte e Alessandro Barchiesi, “i poeti tendono a presentarsi come amanti della poesia che hanno letto e che ricordano”⁴⁹ e Marcial, como poeta, também se deixou levar pelo sentimento e pela paixão dedicados aos seus predecesores... Com efeito e recorrendo, sob a orientação de Giovanni Lombardo citado por Gennaro D’Ippolito, à alegoria platónica da pedra Heracleia, o bilbilitano, na esteira de uma já longa tradição literária cujas várias fases são como anéis de uma cadeia magnética capazes de, pela sua força, atrair novos elos, inspirado pelo canto belíssimo antes de si produzido, foi tomado pelo entusiasmo de o abraçar⁵⁰. Verdadeiramente, a sensibilidade do poeta de Bílbilis limitou-se a fazer mover o seu espírito “no sentido da admiração daquilo que lhe parece ser belo”⁵¹, conduzindo-o não a uma vulgar disputa por inveja, mas à salutar concorrência através da imitação, isto é, segundo António Rebelo, à emulação⁵²!

Emulação que perpassa, naturalmente, na menção directa a alguns autores que lhe servem de referência⁵³. E merecem, na sua

⁴⁹ Conte; Barchiesi (1993: 81).

⁵⁰ Cf. G. D’Ippolito, 2000: 18-19.

⁵¹ Dionísio de Halicarnasso (cf. Fernandes, 1986: 49).

⁵² Cf. Rebelo (1997: 266-270).

⁵³ Cf., ainda que num âmbito diferente, J. M. N. Torrão, 2004: 137-159.

obra, particular relevância os autores latinos que se consagraram ao epigrama (Marso, Pedão, Getúlio, mas, sobretudo, Catulo), alguns autores gregos mais apreciados (Brutiano e Calímaco) e, sobretudo, quatro grandes nomes da literatura latina: dois que eram contemporâneos do bilbilitano – Lucano e Sílio Itálico – e outros dois, já mortos, Cícero e o “imorredouro Vergílio”.

Atento observador do mundo e intérprete privilegiado do sentido profundo das coisas, Marcial compreendeu sem dificuldade que, das palavras de Dionísio de Halicarnasso – “importa que compulemos as obras dos antigos para que daí sejamos orientados não apenas para a matéria do argumento mas também para o desejo de superar as particularidades dessas obras”⁵⁴ –, resultava que todo o exercício de emulação valoriza tudo quanto se possa acrescentar de novo em consonância com o novo tempo, o novo espaço e o novo autor e foi esta a trajetória que escolheu para a sua obra epigramática...

Ugo Enrico Paoli afirma mesmo que “Martial’s epigrams (...) caricature Rome in Rome’s own spirit”⁵⁵; e nós dizemos que foi precisamente isso que lhe granjeou a possibilidade de ultrapassar os modelos, encontrando, para si, um espaço privilegiado (embora tantas vezes e por tantos indevidamente negado!) na galeria dos *maiores* da Literatura Latina:

*Verona docti syllabas amat uatis,
Marone felix Mantua est,
censetur Aponi Liuius suo tellus
Stellaque nec Flacco minus,
Apollodoro plaudit imbrifer Nilus,
Nasone Paeligni sonant,
duosque Senecas unicumque Lucanum
facunda loquitur Corduba,
gaudent iocosae Canio suo Gades,
Emerita Deciano meo:
te, Licimiane, gloriabitur nostra
nec me tacebit Bilbilis. (1.61)*

Verona ama os metros do seu douto poeta,
e com Marão se sente ditosa Mântua;

⁵⁴ Dionísio de Halicarnasso (Fernandes, 1986: 51).

⁵⁵ U. E. Paoli, 1999: 275.

a terra de Ápono é célebre pelo seu Lívio,
por Estela e não menos por Flaco;
a Apolodoro aplaude o transbordante Nilo;
com Nasão ressoam os Pelignos;
de dois Sénecas e do único Lucano
fala a eloquente Córdoba;
alegra-se com o seu Cânio a divertida Gades,
Emérta com o meu caro Deciano;
Contigo, Liciniano, se gloriará
e de mim se não calará, a nossa Bilbilis.

Curiosa é a sua atitude face aos venerandos mestres gregos...
Não deixando de admirá-los, no sentido estabelecido por Dionísio
de Halicarnasso no seu *Tratado da Imitação*:

*Dum tu lenta nimis diuque quaeris,
quis primus tibi quisue sit secundus
Graium quos epigramma comparauit,
palmam Callimachus, Thalia, de se
facundo dedit ipse Bruttiano.
Qui si Cecropio satur lepore
Romanae sale luserit Mineruae,
illi me facias precor secundum. (4.23)*

Enquanto, indecisa, por longo tempo te perguntas
qual será, para ti, o primeiro e qual o segundo
dos poetas rivais na composição do epigrama grego,
Calímaco, por vontade sua, Talia, a palma
entregou ele mesmo ao facundo Brutiano.
E se este, saciado da graça de Cécrope,
quiser jogar com o sal da romana Minerva,
peço-te que segundo me faças depois dele.

sugere, logo no prólogo do seu primeiro livro, ter, por *exempla*, os
latinos:

*Ab sit a iocorum nostrorum simplicitate malignus interpres nec epigrammata
mea inscribat: improbe facit qui in alieno libro ingeniosus est. Lasciuam uer-
borum ueritatem, id est epigrammaton linguam, excusarem, si meum esset
exemplum: sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedo, sic Gaetulicus, sic qui-
cumque perlegitur.*

A sinceridade brejeira das palavras, isto é, a linguagem dos epigramas, dela
me escusaria, se fosse meu o exemplo: é que assim escreveu Catulo, assim
Marso, assim Pedão, assim Getúlico, assim qualquer um se quer ser lido de
fio a pavio.

Como se, na verdade, o *Cecropius lepos*⁵⁶ já pelo *Romanae sal Mineruae*⁵⁷ tivesse sido emulado!

Marcial apresenta-se-nos, então, como aquele a quem cumpre a missão de desvendar que o dia em que a Grécia vencida pelas armas ousou vencer com a arte o seu fero vencedor⁵⁸ pertence ao passado, pois a arte romana emulou a dos Helenos! E não apenas nas letras... Em tudo⁵⁹! Afinal é romano o anfiteatro flávio e é essa a única obra que, nas palavras de Marcial, a Fama há-de celebrar⁶⁰!

Todavia, o bilbilitano, homem de causas, embora (ou, “em boa hora”!) poeta, teve nesta latina emulação da civilização grega um papel muito mais profundo ainda... Ao humanismo – fulcro da cultura grega – dotou-o de humanidade! E o herói mitológico, de sempre dos “géneros maiores” celebrado, capaz, só, de emular outros heróis, perfeito, até, na inveja que o pudesse tomar de lugar ao homem real, herói das ironias dos “géneros menores” apenas, capaz tanto de emular quanto de plagiar (e tanto os melhores quantos os piores exemplos!), de invejar muito, um pouco só ou, mesmo, quase nada⁶¹. E as teorias sonhadas para um homem ideal cederam o passo a realidades humanas quotidianamente praticadas. É a perfeição que abdica perante a vida, sujeitando-se, vezes mais do que muitas, a ser estropiada por um ou outro borrão...

⁵⁶ Cf. 4.23.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ Cf. Horácio, *Epist.* 2.1.156-157.

⁵⁹ Sobre as considerações a este propósito tecidas por Danièle e Yves Roman, em *Rome l'identité romaine et la culture hellénistique*, avança Virgínia Pereira: “Roma, a *Vrbs* que concentrava as energias e os poderes, podia já impor os seus pontos de vista e sentia-se capaz de disputar a primazia cultural à Hélade” (V. S. Pereira, 2008: 77).

⁶⁰ Cf. *Sp.* 1.

⁶¹ Para uma compreensão mais aprofundada deste confronto entre o canto artificioso de tema mitológico, dito “reconhecido” e contado entre os “géneros maiores”, e a representação literária da vida quotidiana, votada aos ‘géneros menores’, em que Marcial participa, tomando a parte desta última para sua sublimação, cf. M. Citroni, ²1993: 311-341.

Mas a vida não é nunca mesmo uma tela acabada, vai-se per-fazendo, estudo sobre estudo, à medida que o homem se esboça... Que pincel melhor, então, se não o aguçado epigrama, que, a cada gracejo, procura que o homem a traço mais firme se delineie?

Salgando-o em medida mais do que justa, Marcial concedeu ao epigrama ser o género maior da vida, isto é, o que mais dela bebeu e o que mais para ela brotou:

*Quid te uana iuuant miserae ludibria chartae?
Hoc lege, quod possit dicere uita "Meum est".
Non hic Centauros, non Gorgonas Harpyiasque
inuenies: hominem pagina nostra sapit. (10.4.7-10)*

Que prazer tiras dos vãos fingimentos de um mísero papel?
Lê isto, de que a vida pode dizer: "É meu".
Nem Centauros, nem Górgonas e Harpias aqui
encontrarás: a minha página tem sabor a homem.

